

## A GENTE

Era uma vez a gente. Tinha o corpo cansado, o rosto enrugado; as mãos e as palavras trémulas, sem convicção, como se mais nada pudesse acrescentar à vida. A gente sentia-se velha, e o que era pior, estava de facto velha; gasta a força dos desejos, um simples movimento de inércia a levava ainda a sobreviver.

Noutros tempos fora irrequieta e louca.

Andara em bandos, no meio de exploradores, guerrilheiros e profetas, atravessara sozinha desertos e oceanos. Percorrera a terra onde vivia, procurando lugares desconhecidos onde seria bom viver; semeara palavras cheias de ressonância, germinando sonhos e mistérios, teimando em regar os frutos que a terra ainda não dera.

Depois começara a sentir o cansaço, infiltrando-se em silêncio pelas brechas da desilusão. A ineficácia dos esforços e o desgaste das palavras abalavam-na como uma espécie de vertigem. Sem quase dar conta, a gente começou a calar-se, a demorar-se em cada sítio e em cada instante: atordoada, perplexa, como se não houvesse mais nenhum sitio para onde ir, como se não fosse possível chegar a mais lado nenhum.

A terra, que já pulsara ao ritmo de uma força criadora, parecia-lhe agora labirinto fechado sobre si próprio, um pequeno espaço confuso onde as energias se gastavam fazendo e refazendo partes do percurso, para trás, para diante, sem nenhuma perspectiva de saída. O tempo que a gente levava para se dar conta deste impasse tinha-lhe sido fatal: ela própria ficara viciada, reduzida a loucura de outrora a uma dimensão ao alcance dos olhos, anestisiada a imaginação com os permanentes bloqueios do labirinto.

O dia a dia passou a ter a cor de rotina, tristemente sufocado. Cada gesto que a gente fazia poisava na vida com o gosto de irremediável, do inevitável: tudo parecia marcado pela ausência de prazer, para tudo era preciso um enorme esforço.

De resto, todos os sentidos estavam a enfraquecer rapidamente. Não era só a vista e o ouvido; era a sensibilidade a fechar-se, a intuição a adormecer, a inquietação a esgotar-se. Era a incomunicabilidade a consumir-se, o deserto a alastrar.

De facto, a vida limitava-se à sobrevivência: uma continuidade de cada vez mais exterior à gente, um fogo a consumir-se sem chama.

Quando todo o desejo mais não era do que memória, a gente soube definitivamente que tinha envelhecido.

Começou a viver assim, queixando-se duma dor aqui, duma pontada ali, no tom resignado de quem sabe que não há cura possível. Fazia a sua vida com a regularidade intocável dos gestos esvaziados de sentido: para além da necessidade imediata, nenhum registo neles se inscrevia. E o tempo ia passando.

Um dia, a gente começou a sentir-se muito mal. Uma espécie de agonia funda, uma repulsa, um vômito de que não era capaz - era uma sensação estranha, uma vontade de vomitar a vida que lhe provocava torturas e um grande mal-estar. Preocupada, a gente correu médicos e fármacias, mas ninguém descobriu a doença que a atormentava. O mal-estar agravava-se de dia para dia; a gente sentiu que todo o seu corpo se recusava à sobrevivência, enquanto o mundo inteiro parecia desabar à sua volta.

Foi então que parou - julgando que era o fim.

Quebrou a continuidade da rotina, rompeu os rituais da sobrevivência. Durante algum tempo assim esteve, incapaz de opôr qualquer resistência ao mal-estar que a estava destruindo. Uma estranha lucidez a penetrava, também: como num pesadelo, a gente revia todos os sintomas da doença, as suas manifestações generalizadas e incontroláveis; conhecia a gravidade e o alcance do mal, a impotência dos medicamentos vulgares, o perigo de epidemia.

No confronto desesperado com tudo o que a cercava, a gente caía desamparada por dentro de si própria. Então, no limite da impotência, quando todas as defesas tinham caído, a gente sentiu que lentamente emergia um grande desejo.

Profundamente perturbada, como se entrasse num templo sagrado, a gente penetrou no silêncio da sua intimidade. E só um desejo a habitava: desejo de navegar, amplidão e mar alto.

Quando finalmente pôde formular o desejo em voz alta, a gente soube que estava mais nova.

Retomou o dia-a-dia, com todos os cuidados de uma convalescença difícil.

Caminhava de devagar, vivia à medida das suas forças: porque conhecia a vulnerabilidade a que estava sujeita, a gente precisava duma grande atenção às correntes de aridez, aos virus de angústia e desesperança.

Aqui e ali, permanecia inevitável a rotina, a sujeição a velhos esquemas de rigidez e estagnação. Mas a gente investia as suas energias em pequenos gestos laterais que se revelavam duma importância vital.

Reaprendia as palavras, escutava o silêncio e as entrelinhas, refazia a comunicação; e tocava por momentos a qualidade das relações. Reinventava a maneira de andar, de comer, de vestir, de estar; dava forma à beleza e expressão à gratuidade; redescobria a possibilidade de criar.

E a gente começava a descobrir um prazer imenso naquele jeito de estar transformando a vida que vivia com outra gente. Gente no ventre da vida - lentamente, humanamente, terramente gerando a vida.

A intensidade do desejo alterava qualitativamente o quotidiano. E a gente soube que estava cada vez mais nova.

Pouco a pouco, alguma coisa ganhava consistência na vida da gente. Começava por ser uma necessidade de momento, uma forma de resistência ao perigo de estagnação; tomara depois a dimensão de uma metamorfose lenta mas profunda.

A gente aprende que não é só a vontade e a razão que podem alterar a vida.

A gente sabe, de certeza vivida, que são as formas quotidianas de dar expressão ao desejo que geram a qualidade de vida.

E a gente sabe que o desejo está trabalhando a gente, abrindo portas inesperadas na criatividade da gente, abrindo-se a gente àquilo que vem à cabeça e ao coração da gente.

E a gente passa palavra de vida a outra gente. E outra gente a outra gente.

Desejo de navegar, hoje, aqui, à volta da gente, experimentando a amplidão com as mãos da gente, entrando pelo mar alto com as possibilidades da gente.

Hoje é o tempo da navegação, o tempo do vento.

À medida que a gente navegar, à medida que a gente inventar a amplidão do mar alto, a gente estará nascendo.

Maria Antónia Coutinho